

INTOLERÂNCIA NA ESCOLA EM TEMPO DE PANDEMIA

NATÁLIA SILVA GIAROLA DE RESENDE,

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - POSLIN / Semiotec / FAPEMIG
nati.giarola@gmail.com

Resumo: Este trabalho busca analisar como são construídos os discursos intolerantes em duas matérias publicadas no site G1, referentes a agressões verbais realizadas por alunos a um professor negro de uma escola particular de Niterói (RJ), no período de quarentena do COVID-19. Para tanto, apresentaremos uma breve introdução do que é intolerância, seguido do referencial teórico-metodológico dos estudos da intolerância na semiótica francesa (BARROS, 2011). A parte final é composta da análise e da conclusão, que indicam a intolerância, neste caso o racismo, como uma paixão do ódio ao diferente.

Palavras-chave: intolerância, racismo, semiótica francesa, discurso do ódio.

1. Introdução:

O presente artigo tem como objetivo analisar, pelo viés da semiótica francesa, como são construídos os discursos intolerantes de racismo em aulas online durante a quarentena, ocasionada pela pandemia mundial do COVID-19¹. O *corpus* do trabalho é constituído por duas matérias publicadas no site G1.

O caso em análise se refere a duas situações de racismo ocorridas com José Nilton Júnior, professor de História de um colégio particular de Niterói (RJ). O primeiro ataque ocorreu no dia 18 de junho de 2020, quando, durante uma aula online, alguns alunos chamaram no chat o professor de “gorila” e “macaco”. Já o segundo ataque aconteceu menos de um mês depois, quando o professor foi ofendido em um vídeo postado nas redes sociais por um ex-aluno. Nas imagens, há dois adolescentes e um deles faz gestos obscenos e fala ofensas como: “*Estão aí babando o ovo de Júnior? Vai se f****, macaco*”. Em seguida, segundo a

1. Segundo o Ministério da Saúde do Brasil (2020), a doença é “causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, s/p).

reportagem, ele afirma: “*Macaco não tem lugar de fala. Volta para a selva*”.

Posto isso, a primeira parte do trabalho apresenta uma introdução ao conceito de intolerância. Na sequência, é exposta a parte teórico-metodológica da semiótica francesa a ser utilizada com nos estudos da intolerância (BARROS, 2011), seguida das discussões e apontamentos finais.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTOLERÂNCIA

Compreenderemos neste trabalho a intolerância em sua forma negativa, na qual um indivíduo ou um grupo social se acha superior e desenvolve uma intolerância contra o *outro*. Para Droit (2017), “o intolerante busca se afirmar como superior, como pertencente a uma maioria imaginária que teria como obrigação marginalizar, combater e até eliminar quem não cerra fileiras com suas ideias” (DROIT, 2017, *ebook*).

Desse modo, a intolerância está presente em discursos xenófobos, racistas, machistas, e preconceituosos vinculados em diversos meios sociais (BUENO, 2011). Barros (2008) organiza uma estrutura hierárquica dos discursos intolerantes em duas vertentes, os de base primária e os de base secundária.

Alguns discursos apresentam-se, assim, explicitamente como discursos intolerantes e expõem a intolerância de base (ou primária), como, por exemplo, os discursos racistas que se assumem como tal, outros mascaram a intolerância de base ou primária por meio da manifestação de uma intolerância secundária, mais bem aceita no domínio do público e/ou do privado, como acontece, em geral, com as manifestações de intolerância linguística, que, muitas vezes, escondem intolerâncias raciais, ou de outra ordem (BARROS, 2008, p. 342).

O que nos move, neste trabalho, é a intolerância em relação ao *outro*, como aquele que rompe os acordos sociais propostos, supostamente, por um *eu* dominante. Este estabelece contratos sociais de *branqueamento social*, *pureza da língua*, *heterossexualidade*, *eugenia* e outros, no qual os que não cumprem - *outro*- devem ser punidos de alguma maneira.

3. Metodologia

A teoria semiótica de linha francesa serviu de base teórico-metodológica para a análise dos discursos intolerantes. A teoria desenvolvida por Greimas e colaboradores, tem como objeto de análise a significação, assim, para ela, tudo o

que se refere ao entendimento humano é passível de análise, inclusive os fenômenos sociais, como a intolerância.

Posto isso, para análise que se segue utilizaremos a proposta metodológica da semiótica de Diana Barros (2011), que propõe quatro particularidades da teoria semiótica para a análise dos discursos intolerantes, a saber: 1) um discurso predominante de sanção; 2) um discurso passional; 3) um discurso com temas e figuras; 4) e a formação de valores pela tensividade.

4. Análise e Interpretação dos Dados

O primeiro item a ser analisado é a sanção, última fase do percurso narrativo canônico e responsável pelo julgamento dos sujeitos considerados, nesse caso, maus cumpridores dos pactos sociais. Nas duas matérias analisadas, há um julgamento racista por parte de alguns alunos, como podemos ver nos excertos abaixo:

Excerto 1 – fala alunos racistas

*Estão aí babando o ovo de Júnior? Vai se f****, macaco,” diz um deles.*

Macaco não tem lugar de fala. Volta para a selva.

A concretização de que houve racismo também é vista na fala do professor, em relação ao primeiro ataque, o do dia 18 de junho.

Excerto 2 – fala do professor

Confesso que racismo é uma coisa que a gente experimenta, infelizmente, cotidianamente pelas estruturas da nossa sociedade, mas foi a primeira vez que experimentei isso na escola, em sala de aula. Isso me deixou bastante triste, mas eu estava lidando também com uma criança de 12 anos.

As falas dos alunos estão embasadas numa ruptura de contrato social, no caso de um branqueamento da sociedade, no qual se supõe que o negro é uma classe inferior aos brancos, e, portanto, não deve assumir determinadas posições, como a de professor. Assim, os alunos, ao aceitarem o contrato do branqueamento, não são manipulados pelo discurso de igualdade de raça e, logo, sancionam negativamente ao fato de se ter um professor negro.

O segundo ponto a ser analisado são as paixões. Em um primeiro momento, os alunos partem de um preconceito, no qual se tornam malevolentes em relação ao *outro*. Ou seja, nesta fase, ainda não há uma concretização da intolerância, mas os indivíduos começam a se perturbar com o *diferente*, o não ser *branco*. A partir do

momento em que o sujeito apaixonado passa à ação de moralizar sua paixão, configura-se a intolerância propriamente dita, o ódio, pois os alunos passam a agir.

O ódio é uma paixão complexa (BARROS, 1990), no qual o sujeito, no caso os alunos, parte de um estado de espera, em que acredita em um branqueamento social, principalmente em empregos de *destaque*, como um professor de escola particular de classe alta. Portanto, esse sujeito acredita que *outro sujeito* (a escola) fará com ele obtenha tal objeto. No entanto, ao ver que o desejo não será alcançado, os sujeitos se tornam frustrados e decepcionados.

Instaura-se, dessa maneira, a crise de confiança, na qual os alunos, ao tentarem sanar a falta, passam a querer fazer mal a quem provocou tal estado, o professor negro. Esse *querer fazer mal* modaliza as paixões de malevolência, como o ódio. Além disso, o ódio do aluno contra o professor também simboliza um *poder-fazer* e um *querer-fazer*, em que o aluno recupera a confiança, um crer em si mesmo que o motiva a sancionar a paixão do ódio.

Além do ódio, encontramos paixões de vingança, de revolta, por parte de professores e pais de alunos da escola, que sancionam negativamente a discriminação racial e pedem punições, como notamos no excerto abaixo

Excerto 3 – fala de um professor.

*É uma luta de todo mundo. A gente só vai conseguir desconstruir este racismo se todo mundo trabalhar em prol disso, se conscientizar, refletir, quebrar esta estrutura. E sobretudo **punir**. Porque é impressionante. Situações assim podem ser mais corriqueiras do que imaginava*

No percurso passional da vingança, temos um sujeito, no caso os alunos, que despertaram a hostilidade em outro sujeito, os pais, que assumem o papel de sujeito reparador, um destinador-julgador, que solicita a punição dos alunos. Como explica Barros (1990, p. 70), a “vingança liquida a falta fiduciária, que diz respeito às relações intersubjetivas” e isso permite que o sujeito vingativo instaure os heróis e os vilões da história.

Nos textos analisados, há, ainda, o que Barros (2011, p. 260) chama de sanções desapaixonadas da justiça, em que não há uma vontade de vingança, como vemos na fala do professor Júnior, que sofreu os ataques.

Excerto 4 – fala de uma mãe

Eu sugeri á escola a criação de um comitê, já estamos trabalhando nisso, para a criação das relações étnicas-raciais para desenvolver políticas que combatam o racismo e ajudem na formação dos nossos alunos, para que atos como esses não

se repitam. (...) "É normal você enxergar o lugar de negros, pretos em um determinado gueto, em um determinado campo, em uma determinada função, mas esse normal foi construído, então a gente precisa formar bem o nosso aluno para desconstruir esse racismo estrutural, para combater esse racismo estrutural, para mudar esse olhar, e só assim, então todo mundo se sentindo responsável que a gente vai mudar essa sociedade.

Portanto, para o professor o melhor caminho para combater o racismo não é por meio de uma vingança, mas sim pela educação e mediante a políticas educacionais, como a criação de um Comitê das Relações Étnicas-Raciais dentro da instituição, para debater assuntos ligados a questões étnicas e raciais.

Outro ponto a ser observado é que as duas matérias são temáticas-figurativas, cujo tema (forma mais abstrata) é o racismo, e a figuratificação (investimento semântico dos temas) é percebida nos lexemas como *gorila, macaco, selva, que são metáforas que são vistas como uma oposição ao civilizado, gerando um efeito de sentido de animalização*, ou, ainda, em expressões como *negro não tem lugar de fala*. Essas figuras e temas ligam-se à oposição diferença vs. igualdade, presente na sintaxe do nível fundamental.

Por fim, no nível tensivo, acreditamos que nos dois textos há indícios de discursos do exercício e do acontecimento. Então, do ponto de vista do enunciador do discurso intolerante temos um discurso do exercício, ligado à lógica de que se o professor é negro, então ele não deveria ocupar aquele lugar, que, por sua vez, deveria ser de um professor branco. Do ponto de vista do enunciador professor, temos um discurso do acontecimento, em que o professor foi pego de surpresa, para ele foi uma situação inesperada, como fica evidente no trecho *"foi a primeira vez experimentei isso em sala de aula"*. Portanto, temos um alto campo passional do professor, em que sua afetividade é levada ao auge, com uma temporalidade extinta.

5. Conclusão

Essa pequena análise teve como objetivo demonstrar como se dá a construção de um discurso intolerante de racismo. Percebemos que ser negro, do ponto de vista do sujeito intolerante, é sancionado negativamente, e que esses sujeitos são sujeitos apaixonados, que tem como percurso a paixão do ódio ao diferente. Além disso, os textos em análise são formados por discursos temático-figurativos, que envolvem uma isotopia do racismo. Por fim, no âmbito da tensividade, podemos compreender que há discursos intolerantes que se apresentam como discursos do acontecimento



e outros que se constroem como discursos do exercício (BARROS, 2011, p. 268), o que os diferencia são os pontos de vista dos enunciadores do discurso.

É evidente que as reportagens não podem ser tomadas como os únicos indícios de racismo em um ambiente online em tempo de pandemia. Contudo, elas nos dão suporte para enxergamos uma materialidade discursiva existente há muito tempo na sociedade brasileira. Desse modo, cabe a nós, pesquisadores, enxergamos a intolerância e tentar diminuir sua presença, principalmente em sala de aula.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos*. Cruzeiro semiótico. Porto, APS, 11-12: 60-73. 1990.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. Org. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. p. 255 – 270 2011.

BUENO, Alexandre Marcelo. Filhos de imigrantes latino-americanos e asiáticos em escolas de São Paulo: casos de intolerância e de preconceito linguístico veiculados em reportagem. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. Org. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

DROIT, Roger-Pol. *Tolerância: o que é? Por que é importante? É possível nos dias de hoje?: Como educar para a tolerância?* São Paulo, SP: Contexto, 2017.

Professor de colégio particular de Niterói, RJ, é vítima de racismo durante aula virtual. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/02/professor-de-colegio-particular-de-niteroi-rj-e-vitima-de-racismo-durante-aula-virtual.ghtml>. Acesso em: 11 set. 2020.

Professor de Niterói é alvo de ofensas raciais pela segunda vez em menos de um mês. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/13/professor-de-niteroi-e-alvo-de-ofensas-raciais-pela-segunda-vez-em-menos-de-um-mes.ghtml>. Acesso em: 11 set. 2020.